

A questão da essência e da existência de Deus segundo Tomás de Aquino

The question of the essence and existence of God according to Thomas Aquinas

MÁRIO SÉRGIO DE OLIVEIRA VAZ¹

MARIA FERNANDA DOS SANTOS²

Resumo: O artigo aborda as noções de “essência” e “existência” seguindo as linhas do opúsculo *O Ente e a Essência (De ente et essentia)* de Tomás de Aquino. Assumindo como ponto de partida a tese da indissociabilidade destas duas noções no que se refere a Deus (*ens per se*), discute-se, num primeiro momento, como “essência” e “existência” se conformam no âmbito dos entes em geral (as substâncias compostas), isto é, individualizadas através de matéria (*designada*) e forma. Em seguida, aborda-se o caráter ilimitado dos atributos divinos, sobretudo, a noção de *perseidade divina* (uma natureza tal que é causa de si mesma). Em suma, este caminho argumentativo pretende destacar o caráter fundamental e causal de Deus em face das determinações concernentes a ordem dos entes em geral.

Palavras-chave: Essência. Existência. Deus.

Abstract: The article deals with the notions of “essence” and “existence” along the lines of Thomas Aquinas' opusculum *The Being and the Essence (De ente et essentia)*. Taking as its starting point the thesis of the inseparability of these two notions with regard to God (*ens per se*), it first discusses how “essence” and “existence” are conformed in the context of beings in general (composite substances), that is, individualized through matter (designated) and form. Next, the unlimited character of the divine attributes is addressed, especially the notion of divine perseity (a nature such that it is the cause of itself). In short, this argumentative path aims to highlight the fundamental and causal character of God in the face of determinations concerning the order of beings in general.

Keywords: Essence. Existence. God.

1. Introdução

A fim de indicar o caminho que será aqui percorrido, cumpre trazer, de imediato, a caracterização dos escritos de Tomás de Aquino ofertada por H. D.

¹ Graduado em filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Mestre em filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutor em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente é professor de filosofia da rede estadual do estado do Paraná (SEED-PR). E-mail: mariovaz74@gmail.com

² Graduada e Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Doutora em Letras, com ênfase em estudos literários, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente é professora de língua portuguesa da rede estadual do estado do Paraná (SEED-PR). E-mail: maria.fer.s@live.com

Gardeil³ que, em seu livro *Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino*, não apenas comenta a obra do autor, mas destaca as nuances que perpassam o *corpus philosophicus* de Aquino: de um lado, a parte do comentário exegético, momento estritamente conceitual, e que progride no exame da obra aristotélica e, de outro lado, a parte que encaminha uma síntese entre elementos “puramente filosóficos” e querelas religiosas. Ora, ressaltar essa divisão é importante para que seja possível compreender, entre outras coisas, a ordem e o peso das influências que atravessam o pensamento de Tomás de Aquino, um imponente construto racional que, por sua grandiosidade tende a ser encarado como uma peça única e fora de todo contexto histórico.

Contudo, não é esse o caso. Perante a discussão envolvendo Deus e seus atributos, Aquino ora coloca-se em consonância ao pensamento de Aristóteles, para, entre outras postulações, destacar que Deus é um Ser que “supraexiste” a tudo. Porém, ao encaminhar a pergunta pela natureza específica do Ser de Deus, ou ainda, qual a natureza do princípio divino, Aquino irá conceber esta problemática afastando-se da influência aristotélicas a medida em que concebe a noção de Deus para além da ideia de uma causa eficiente e de universo *sub specie aeternitatis*, no qual o motor imóvel era unicamente uma inspiração para as coisas em movimento – um desejo a esfera que não comporta a potencialidade pura de suas substâncias⁴.

Assim sendo, na composição d’ *O Ente e a Essência*, Aquino busca identificar, em primeiro lugar, como a essência (*quidditas*) se configura no âmbito das substâncias compostas, nas inteligências (almas) e, posteriormente, em Deus. Já o ponto de investigação subsequente é também o mais intrincado: saber se a natureza de Deus recebe a sua essência da mesma forma que as demais substâncias. Uma das premissas básicas da argumentação de Aquino é exatamente a de que as almas e, sobretudo, Deus, não possuem a determinação

³ GARDEIL, H.D. *Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino IV – Metafísica*. Tradução de Paulo Eduardo Arantes. São Paulo: Duas Cidades, 1967, pp. 26.

⁴ Kenny, Anthony. *História concisa da filosofia ocidental*. Trad. Desidério Murcho. Temas e Debates — Atividades Editoriais, 1999, pp. 204-206.

da materialidade. A matéria será unicamente pensável no âmbito das substâncias compostas, que são assim chamadas por congregarem forma e matéria. Ou seja, não somente referente a questão da composição das substâncias, mas como será abordado adiante, esta indagação é o caminho para a elaboração do conceito de *perseidade* divina.

Sabe-se, pois, que a discussão a respeito dos atributos divinos não começa com Aquino e tampouco esgota-se no interesse puramente teológico-metafísico. Esse problema levanta o debate das formas de se conhecer algo, seja via juízos de acréscimos, de determinação ou mesmo pela razão – e somente ao homem – dirá Aquino, pelo caráter de sua essência desdobrar-se em sua existência, que é possível imputar algo que esteja fora de seu ser – como o branco diz a brancura e o pesado diz o peso (*Da verdade - De Veritate* (q. 21, a. 1))⁵. Porém, uma vez mais, essa regra, que não se expande para além dos limites da ordem mais inferior das substâncias, não serve para lidar com aquilo que é tido como universalmente primeiro, posto que nada de determinante está fora de si. Seguindo a interpretação de Ludger Honnefelder (2002)⁶, está em decurso neste período o litígio entre a Metafísica – aqui tendo em mente os sistemas aristotélicos e arábico e a forma investigativa que esta assume – e a Teologia, entendida como a ciência que toma por objeto primeiro “*O Ser divino e iminente*”

Partindo dessa sistematização, Aquino lança mão de certos questionamentos norteadores que se referem ao conhecimento pela alma: se esta conhece independentemente do corpo? Ou como parte unida a ele? Questionamentos estes que se subdividiram em outros mais específicos e que, no presente artigo serão debatidos conforme o seguinte esquema: como a *essência e existência* se perfazem na esfera dos entes em geral (aquilo que é denominado por substâncias compostas), tendo como limite a noção de *quididade*, apontando que

⁵ Todos os demais textos de Aquino (além *d'O Ente e a Essência*) aqui citados ou mencionados no decorrer do trabalho se encontram no apêndice da referida de H. D. Gardeil: *Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino*, (pp. 139- 181). Outro recurso utilizado será o *Vocabulário Técnico* (pp.182) que se encontra na mesma obra.

⁶ HONNEFELDER, L. “Le problème d’une “philosophie première” et la question de la possibilité de la métaphysique au Moyen Âge”. In: *La métaphysique comme science transcendente*. Trad. Isabelle Mandrella. Paris: PUF, 2002, p.01-17

na medida em que estes entes são individualizados segundo matéria (*designada*) e forma, *essência* e *a existência* aparecem como dois princípios ontológicos distintos.

Em seguida, analisa-se a noção da *perseidade* divina (seguindo os limites do livro V do livro *O ente e a essência*), isto é, a indissociabilidade entre sua *essência* e *existência*. Através desta oposição entre a *quididade* (essência) dos entes determinados (que em vista desta determinação não podem ser causas de si mesmos nem de suas quididade mesmas) encaminha-se que a noção de *perseidade* de Deus, característica esta que lhe imputa uma natureza originária, não é limitada por nada, na medida em que é um princípio pensado por Aquino como idêntico a si mesmo e subsistente por si (*Ens per se*).

2. **A quididade dos entes**

O problema acerca das noções de *essência* e *existência* perpassa grande parte da obra de Tomás de Aquino, e, a rigor, podemos dizer que não se esgota neste recorte histórico constituído e datado, retendo um longo “passado filosófico” – a importância desta questão se evidencia na medida em que constatamos que traz consigo toda uma singularidade filosófica, na qual subsumi grandes outros nomes tal como Platão, Aristóteles, Averróis e inúmeros padres da Igreja Católica. Destarte, a *essência* (*quididade*) na esfera dos entes em geral não se mostra de maneira simples – ela se plasma na matéria e assim compõem a substância; além do mais, tal substância, por esta condição no interior de sua *essência*, é finita e determinada – ao passo que o ato divino de existir furta-se a toda e qualquer definição e operação intelectual, não necessitando de matéria e forma para ser (*Esse*). Enfim, neste momento do artigo, buscar-se-á explicitar tal distinção em face da compreensão de Aquino referente a *essência* nos entes em geral.

A escolha da obra *O Ente e a Essência* já é por si só denunciador do teor desta problemática e, logo, da necessidade de operar um recorte no tema para que seja possível demarca-lo com cuidado. Especificamente, parte-se da constatação da multiplicação formal e da limitação dos seres criados e da relação

destes com o fundamento teológico em questão. De acordo com André de Muralta (2008)⁷, é certo pois, que ao mobilizar a tentativa de compreensão pela causalidade, Aquino retoma sua herança filosófica aristotélica – que se reafirma novamente na definição da metafísica como a ciência do Ser enquanto Ser, logo a mais perfeita.⁸ A perfeição aqui referida pode ser entendida em linhas gerais como a mesma que advém desde a tradição aristotélica, conforme a natureza do objeto. Mas o que confere autenticidade e autonomia a discussão de Aquino não são suas ponderações a respeito dos objetos da metafísica – a postulação de que tal ciência é um *habitus speculativus*, mas, outrossim, de que existem algumas verdades teológicas que podem ser alcançadas pelo simples uso da razão.

Todavia, mesmo que certas categorias metafísicas e teológicas possam ser compreendidas *na e pela* matéria, isso não é válido em geral, visto que uma das condições da abstração metafísica é a *separatio*, ou em outras palavras – desprendimento. O caminho do pensamento especulativo é um caminho pelo qual abstrai-se lentamente todo o movimento e toda a matéria do objeto em questão para atingir aquilo que é por definição universal e necessário.

Na esteira destas constatações aparece a nuance do nó górdio da obra o *Ente e a Essência*, que Aquino nos traz na seguinte passagem:

Portanto, a essência da substância composta e da substância simples diferem nisto que a essência da substância composta não é apenas a forma, mas abarca a forma e a matéria; no entanto, a essência da substância simples é a apenas forma [...] (AQUINO, 1967, p. 32).

O ponto nevrálgico do excerto acima é a pergunta por aquilo que é a quiddidade (*quiditas*) das substâncias, não apenas das substâncias materiais, mas de anjos, das almas, de Deus. É concordante dentre de quase toda a gama dos escritos que chegaram até os exegetas da filosofia de Aquino de que há no interior uma distinção ontológica entre *essência e existência*. De um ponto de vista lógico

⁷ Ver: MURALTA, A. de. Estudio primero. La apuesta de la filosofía medieval. In *La apuesta de la filosofía medieval. Estudios tomistas, escotista ockmistas y gregorianos*. Ed. Maercial Pons, 2008, pp. 71.

⁸ Ver: GARDEIL, H.D. *Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino IV – Metafísica*. Tradução de Paulo Eduardo Arantes. São Paulo: Duas Cidades, 1967, pp. 11.

isso se passa devido a compreensão dos limites formais e materiais dos seres criados e, por extensão, pela questão da relação destes com o Ser incriado – ou seja, a concepção hierárquica dos seres (ou entes).

De um ponto de vista historiográfico, é necessário assentirmos com Giuseppe Girgenti (2000), que nos revela via um intrincado comentário de Porfírio, de que as bases filosóficas que serviram os mestres da Patrística e Escolástica não se erigiram unicamente de uma exclusão ou de uma assimilação de uma fonte estanque (Platão e Aristóteles mais a revelação da palavra), outrossim – é profundamente enriquecida por uma continuidade dos vocábulos, problemas e termos que se aperfeiçoam em cada período.⁹

Com efeito, é elucidador tais pressupostos frente a questão Aquiniana da quiddidade. Isso se desvela conforme tomamos a definição deste termo e o seu emprego que, para Gardeil: “[...] corresponde a questão *quid sit*, o que é? A “quiddidade” exprime a essência ou definição de uma coisa” (GARDEIL, 1967, p.200). Ora, o que está em jogo neste interim é a constatação de que todas as substâncias são detentoras de uma essência (*quiddidade*), porém para cada nível da hierarquia das substâncias (dos entes) que pensa Aquino¹⁰ a *essência* se dá (se perfaz) de modo distinto.

Surge então um impasse que adiante será debatido com mais atenção: Será a essência de Deus similar aquelas das substâncias compostas? Há diversas intersecções que atravessam esta oposição, e Aquino oferece um sentido para o caminho:

Com efeito, há algo, como Deus, cuja essência é seu próprio ser; e, por isso, encontram-se alguns filósofos que dizem que Deus

⁹ “La historiografía filosófica de la Antigüedad Tardía y del Medioevo tiende a identificar la Patrística griega y latina con una forma de “platonismo cristiano” y la Escolástica con una forma de “aristotelismo cristiano. [...] Esta esquematización tiene su fundamento y es certamente útil, pero, considerada atentamente, toda la filosofía medieval se basa sobre diversas y articuladas formas de mediación entre Platón e Aristóteles” (GIRGENTI, G. *La metafísica de Porfirio como mediación entre la “henologia” platónica y la “ontologia” aristotélica: Base del neoplatonismo cristiano medieval*. In: Anuário Filosófico, 2000, 33 pp. 151).

¹⁰ Ver os capítulos IV, V e VI d’*Ente e a essência* (pp.31- 45) nos quais o tema da essência é debatido por Tomás de Aquino no âmbito das substâncias separadas, em Deus e por fim nos acidentes.

não tem quiddidade ou essência, pois sua essência não é algo de outro que seu o seu ser (AQUINO, 1967, p. 37).

Cumpra deixar de lado, por enquanto, o debate acerca da *essência* de Deus (que será feita posteriormente), e seguir no rastro da segunda parte das linhas acima – *a essência de algo como seu outro*. Com efeito, é possível antever, desta forma, que Aquino opera uma distinção ontológica entre os termos *essência* e *existência* no que diz respeito ao âmbito das substâncias compostas. Logo, é fundamental refletir acerca da questão: O que implica a combinação entre o existir e a essência daquilo que existe? Primeiramente, que a essência (*quiddidade*) dos entes liga-se à matéria, e essa matéria recebe uma forma, e seguidamente, é limitada por tal pressuposto. Uma outra consequência que aparece na esteira desta e funciona como parte da corroboração da anterior é a de que aquilo que não está por si (*per si*) na essência de algo, é predicado a ela.

Com efeito, nada é mais clássico e característico da tradição metafísica do que pensar a matéria como princípio individualizante, isto é, a análise dos corpos materiais em termos de matéria e forma e a conclusão de que a mudança deve ser entendida como recepção de sucessivas formas diferentes por parte da mesma matéria.

É importante, contudo, mostrar como a posição de Aquino, retrabalha este ponto. Quer dizer, para além da mudança de paradigma epistemológico-hermenêutico, subsiste, como chamou atenção Girgenti (2000)¹¹, ao iniciar sua discussão acerca da essência das substâncias, tendo como base o esquema de sua hierarquia das mesmas, Aquino reitera novamente as características das substâncias inteligentes. Primeiramente, o que está sendo posto por Aquino é o sentido de sua compreensão metafísica, que resguarda elementos de ordem aristotélica, mas preservando a questão de um princípio divino que não é apenas um motor imóvel. Entre este princípio divino e as substâncias compostas estariam na leitura de Aquino, as almas ou os anjos e as inteligências, que assim

¹¹ Conforme escreve Girgenti: “La historiografía filosófica de la Antigüedad Tardía y del Medioevo tiende a identificar la Patrística griega y latina con una forma de “platonismo cristiano” y la Escolástica con una forma de “aristotelismo cristiano” (GIRGENTI, 2000, p.151).

como Deus, não podem ser dados na matéria, nem serem trazidos a elas, dado o caráter corruptível da mesma.

Exatamente como as inteligências (ou as almas) não possuem nenhuma determinação que se passa na matéria (*separatio*), nem mesmo aquilo que se configura como a essência delas depende de qualquer coisa que não seja a forma mesma, as substâncias chamadas compostas, pela sua própria designação, são uma composição de matéria e forma, ou num sentido mais determinado, são forma que ocorrem necessariamente em uma matéria designada. É por isso que a essência destas será de uma determinada (*quiditas*) que ocorrerá a pergunta se a essência de Deus seria, pois, análogo a esta maneira.¹²

Mutatis mutandis, traz-se uma outra passagem do opúsculo que revela e sintetiza a direção perseguida:

[...] encontra-se a essência nas substâncias compostas de matéria e forma, nas quais tanto o ser é recebido e finito, por terem o ser outro, quanto, além disso, a natureza ou quiddidade delas é recebida na matéria assinalada. E, por isso, são finitas, tanto superior quanto inferiormente; e nelas já é possível a multiplicação dos indivíduos numa espécie, por causa da divisão da matéria assinalada (AQUINO, 1967, p.40).

52

Se a *existência* é recebida na matéria, a multiplicidade dos entes é originária desta mesma condição de relação. Não existirá nesta esfera uma forma separada de um corpo. Nas substâncias compostas, as formas jamais conseguirão ser ato puro, e a diversidade condecora a contingência desta esfera, daí a asserção de Aquino ter contornos de prodigioso efeito: “[...] de fato, não se pode dizer que o homem seja sua quiddidade” (AQUINO, 1967, p. 32). Assim, os acidentes, que como fora insinuado alguns momentos acima, se configuram também como substâncias, mas sempre em conjunção com uma primeira pela qual se diz. Os acidentes serão sempre sobrevenientes a algo, mas na ordem de uma relação inferior se considerada a relação entre as substâncias criadas e Deus.

Reverbera naturalmente das linhas do pensamento de Aquino uma

¹² Conforme Aquino: “Portanto, a essência da substância composta e da substância simples diferem nisto que a essência da substância composta não é apenas a forma, mas abarca a forma e a matéria; (AQUINO, 1967, p.32)

apreensão notoriamente destoante deste Ser perfeito, não como uma *ousia* unicamente, mas como uma natureza (uma forma de *actus existendi*), e, sendo mais característico, é *Fons vitae*. Somente via esta assimilação que a questão da quiddidade será transposta. Se a pergunta que iniciou este tópico era pela quiddidade, e esta mostrou-se inapta para designar o princípio divino, o termo apropriado para se referir aquilo que é cabível a Deus deve ser outro.

No próximo tópico, discute-se a noção de *perseidade* como o conteúdo metafísico desta lacuna, e de como é atributo divino e a ele somente; absolutamente, não como uma falta, mas como uma identificação de sua *essência e sua existência*.

3. **A *perseidade* divina**

Frente ao que foi exposto acima a respeito da implicação entre matéria e forma, Aquino pondera que deve haver algo (uma substância) que seja unicamente seu ser. O que implicaria, pois, a aceitação desta clausula? Ora, para a Metafísica aquiniana de que existe ao menos um ser, tal que seu ser mesmo é sua própria essência e seu modo de existir. Dada a hipótese acima levantada, ocorre a seguinte implicação: se tal ser existe como o estipulado, certamente que seu ser não será causado, e é possível adiantar, nem será determinado por nada que se encontre fora de seu ser.

Assim, a noção de *perseidade* é debatida com afínco por Tomás de Aquino no capítulo V de seu opúsculo intitulado “O Ente e a Essência”, especificamente, quando se atém ao problema concernente a substância de Deus (de sua constituição) - ou em outras palavras, o *parti pris* de Aquino é determinar como ela se diferencia das demais (em sua realização), na medida em que nada daquilo que se encontra fora de sua essência é necessário à sua condição, *essência e existência* são indissociáveis da sua “natureza”, do *Ens* divino.

Frente a isso, é necessário, antes de mais nada se perguntar em que consiste a distinção entre a substância divina e as demais substâncias, ou melhor: Como se configuram? Colocação que é deveras pertinente para que se torne claro a oposição existente entre *essência e existência* na esfera dos entes em geral (aquilo

que Aquino denomina de substâncias compostas) e a *perseidade divina*. Todavia, devido a incomensurabilidade do escopo desta questão (aparentemente simplória na forma escrita), e que comporta uma infinidade de outros caminhos e desdobramentos possíveis, a considerarei ao menos em parte, vista como resultante da aproximação entre o pensamento Aquiniano *ipsis litteris* e sua fonte filosófica maior Aristóteles.

Após o exame das noções de *essência* e *existência* no interior da ordem das substâncias compostas, e postular que estas são ontologicamente separadas no interior do ente, resta saber se esta distinção se aplica a natureza de Deus. De antemão, Aquino afasta essa tese e sustenta esta negação devido a uma série de oposições entre termos canônicos: matéria e forma, simplicidade e complexidade. Mas ocorre que, embora seja possível concordar em partes com esta dialética negativa, em Tomás de Aquino, Deus é tomado por uma outra modalidade, muito mais expressiva e que não pode ser reduzida a nenhuma oposição que venha a contradizer a sua condição. Aquino é categórico quanto a esta situação e nos fala da seguinte maneira:

Com efeito, há algo, como Deus, cuja essência é seu próprio ser; e, por isso, encontram-se alguns filósofos que dizem que Deus não tem quiddidade ou essência, pois sua essência não é algo de outro que seu ser (AQUINO, 1967. p. 37).

Uma série de colocações emanam dessas linhas, e seria infundável pleitear uma atenção devida para todas. Interessa aqui elencar como ponto de discussão a premissa que atesta que *Deus escapa a qualquer determinação de gênero* dado via matéria, pois tudo o que está contido em um gênero recebe sua natureza fora de seu ser. Logo, é de uma outra forma que a *essência* de Deus se configura. Ora, se não ocorre no interior deste todas as distinções faladas anteriormente, é importante entender que a *quiddidade* conforma foi debatida e apresenta para os entes determinados não é condizente com a natureza de Deus; essa por sua vez, só pode ser tomada como absoluta. Enquanto que para toda a ordem das substâncias criadas *essência e existência* não são uma e mesma coisa, posto que aparecem como predicamentos, em Deus elas se identificam de maneira simplíssima, não há nenhum lastro de composição material em seu ser, o que

significa também que é ato puro.

A diretriz de Aquino evidencia aquilo que Gardeil identifica em seu comentário: “Na linguagem filosófica universal o termo metafísica designa a parte superior da filosofia, isto é, aquela que pretende dar as razões e os princípios últimos das coisas; [...]” (GARDEIL, 1967, p. 11). Por razões últimas, entende-se as atribuições divinas, e por elas, tomamos a capacidade *dele* ser causa de si (*causa sui*). Esta capacidade é a ofensiva frente a pergunta se Deus teria ou não quididade, ou seja, um traço distintivo. Ao sustentar que ele é sua própria condição de existência, pode-se dizer que é *Ens per si* na medida em que detém a propriedade do que é por si – possui *perseidade*. Deus existe necessariamente por seu ser.

É mister dizer que Aquino situa este Ser que é Deus para aquém da compreensão de substância primeira. Ele é para o Doutor Angélico paradigma de uma *Metaphisica sive Theologia*, e não é apenas motor imóvel, mas sustentáculo do universo por sua bondade. Nas linhas da obra basilar ao trato de Aquino; “[...] Deus é aquele ser universal pelo qual não importa qual coisa é formalmente[...]” (AQUINO, 1967, p. 36). Por sua natureza, a *perseidade* desprende-se da pergunta pelos atributos divinos e finca suas raízes na essência? Ou Deus não possuiria qualidade atributivas das quais o conhecimento pudesse partir? De direito sim, mas nenhuma determinaria sua condição. Ele incorpora todas as perfeições e excelências, e as têm de modo máximo e sem falta, e, sendo clara a sua condição, ele as tem sem decorrer em uma diminuição ou acréscimo de sua natureza.

Semelhantemente, também, embora seja apenas ser, não é preciso que lhe faltem as restantes perfeições e excelências; até mesmo tem todas as perfeições que há em todos os gêneros, pelo que é dito simplesmente perfeito [...]; mas, as tem de modo mais excelente que todas as coisas, pois nele são um, [...]. Assim, Deus tem todas as perfeições no seu próprio ser” (AQUINO, 1967, p. 38).

Neste caso, oposto é o que se passa na ordem das coisas diversas, das substâncias compostas, visto que tudo o que é atribuído a elas, recaem como juízos do intelecto ao que é aparente, e pela determinação destes, os atributos são acidentais e contingentes. É por esta complexidade interna que são determinadas

as substâncias criadas, a quiddidade que resguardam não equivale ao seu ser. E é possível identificar através destas colocações as linhas de uma prova de distinção que se desdobra em duas direções, a primeira levando à uma distinção real (entre as substâncias), na medida da hierarquia atestada por Aquino, a segunda formal, onde existência aparece como acréscimo (vide o primeiro capítulo).

Deus, por ser incriado é necessário, e sua infinitude é absoluta, não é sujeito que recebe a existência (*per aliud notum*). Sua essência é existir. E será a sapiência de Deus, que é perfeito e sumamente bom (*per si notum*) a que mais compete a investigação metafísica (GARDEIL, 1967, p. 18). Assim sendo, é possível indagar como este princípio é compreendido por Aquino no interior de seu sistema metafísico, se como causa ou inspiração: “De fato, uma substância separada converge com outra na imaterialidade e diferem entre si no grau de perfeição, de acordo com o afastamento da potencialidade e aproximação do ato puro” (AQUINO, 1967, p. 39). Conforme as distinções de cada ordem, é *conditio sine qua non* que Deus se apresente como vida (*Fons vitae*), e a emanção da vida como seu ato puro de existir, na qual todos os demais entes desejam participar – todos os seres que não são tais quais a perseidade de Deus, o são (*modus essendi*) não pela própria vontade ou autodeterminação.

De fato, a *quiddidade* dos entes por ser dada pela junção de matéria e de forma não pode ser jamais absoluta. Aquino ainda coloca como norte da direção do movimento das substâncias o desejo de estar em união com Deus, e para saciar este ímpeto é imprescindível ir buscá-lo além da matéria, em um grau distinto de abstração. Pois Deus não está, como foi dito, em um gênero, *ele* é único e primeiro e não comporta diferença. Voltando as trilhas da pergunta do início, Deus na medida de todas as perfeições imputadas necessariamente a ele, é por consequência, a inspiração na qual todas as substâncias buscam convergir. Temos aqui a *Teologia Aquiniana* por excelência como bem nos diz Giuseppe Girgenti, uma síntese original de diversos elementos de bases diversas (GIRGENTI, 2000).

É ilustrativo uma analogia para mostrar o que se passa e para dar contornos às linhas que até aqui foram construídas. Se os acidentes, qualidades e os modos são sobrevenientes às substâncias criadas, não sendo eles causadores de nada, as

próprias substâncias criadas são sobrevenientes a Deus. Mas devemos ter cautela nesta colocação, também não é possível dizer que somos desdobramentos da essência de Deus, porque será supor que algo lhe falta – embora seja ele uno, não transborda, tal como sugere a metafísica plotiniana – ele inspira e sustenta. O *ens per se* que configura sua natureza, é o sentido teológico fundamental de Aquino:

E, como tudo que é por outro reduz-se ao que é por si, como causa primeira, é preciso que haja alguma coisa que seja causa de ser para todas as coisas, por isto que ela própria é apenas ser; de outro modo, ir-se-ia ao infinito nas causas, pois toda coisa, que não é apenas ser, tem causa do seu ser, como foi dito [...]; e este é a causa primeira que é Deus (AQUINO, 1967, p. 34).

Ao diferenciar no tocante a essência a *quiddidade* e a *perseidade*, Deus é assumido por Tomás de Aquino como inspiração ordenadora (*prima conceptio*), mas também como fonte criadora pelo caráter de seus atributos, a bondade, a perfeição e a pureza. Destarte, é o sentido último, é ato puro e por não cair nas distinções que foram debatidas, no âmbito das substâncias materiais, seu título de *ens per si* expõe a sua infinitude plena, ausente de toda e qualquer limitação (*Ipsum esse subsistens*), a essência de Deus é existir enquanto absoluta necessidade, sua substância mesma é sua vida, e concomitantemente, é o *terminus quo* de toda a metafísica de Tomás de Aquino.

57

4. Considerações finais:

O itinerário percorrido neste trabalho visou explicitar as noções de *essência* e *existência* no âmbito das substâncias compostas e, posteriormente, no terreno da compreensão Aquiniana de Deus. Ao optar por uma oposição conceitual como método de leitura da obra “*O Ente e a Essência*”, buscou-se tornar mais preciso o ponto em questão e, com isso, desdobrá-lo de uma maneira mais eficaz, afastando assim, ao menos em parte, a dificuldade enraizada no opúsculo de Tomás de Aquino.

Retomando uma vez mais o comentário de Honnefelder (2002), dado este panorama, a primeira consideração a que importa chamar a atenção é o movimento de caracterização da Filosofia no contexto medieval. Como destacado

na abertura deste artigo, embora este longo período do pensamento ocidental seja relacionado, de imediato, com as imagens, nomes e as obscuras alusões de manuais, de escrita cifrada – somos de imediato advertidos de que este recorte histórico não foi durante toda sua duração (no que se refere a Filosofia) um subproduto ou um apêndice da Teologia cristã. Dito de outro modo, existe nesta leitura pormenorizada uma série de intrincados argumentos e linhas de pensamentos a despeito daquilo que seria uma Metafísica em sentido legítimo e universal. Ora, diante desta tensão, Honnefelder leva-nos a pensar uma possível revalidação do papel do pensamento de Tomás de Aquino e das reais implicações metafísicas de seu pensamento.

É nesse sentido que Aquino escreve acerca da noção de *quididade* das substâncias compostas (uma conjunção de matéria e forma), apontando que estas possuem uma complexidade interna própria que impede, no interior destas substâncias, uma identidade entre o seu ser e o existir. Em outras palavras, a existência é tomada como certo acidente predicativo da essência.

Em decorrência destes apontamentos, surge a seguinte questão: Se Deus teria ou não *quididade*? Diante deste pressuposto, buscou-se destacar que ocorre uma distinção (formal e real) entre estes dois âmbitos, e que a *perseidade divina* é a essência própria de Deus, na medida em que se observa que ser e existir são homólogos para o ser ilimitado. O que é necessário aqui ressaltar é o fato tácito de que todas as substâncias possuem essência, porém, para cada classe (conforme a hierarquia aquiniana) ela se configura e se perfaz de maneira sutil, tendo como limite a perfeição de Deus – este é absoluto, incriado e infinito; já as demais, por exclusão são: finitas quanto ao seu ser, não são absolutas e nem subsistem por si.

Deste modo, ocorre a assimilação de caráter epistemológico por parte de Tomás de Aquino – se tais substâncias são também postas na ordem do predicamento (na maneira dos juízos pensados por Aquino). Ocorre isto devido a determinação por categoria e gênero (o princípio da matéria). Quanto a Deus, por fim, este escapa a todo e qualquer predicamento de nosso intelecto – mas, somente ele conhece a essência de cada ser. Fica assim claro que a questão da essência de Deus e se essa se daria tal como as das substâncias compostas não recebe abordagem afirmativa por parte de Aquino; não obstante, seu trato é

decisivo frente ao caráter inexorável da perfeição divina.

Referências

MURALT, A. de. “Estudio primero. La apuesta de la filosofía medieval”. In: *La apuesta de la filosofía medieval. Estudios tomistas, escotistas ockmistas y gregorianos*. Madrid: Maercial Pons, 2008, pp. 41-84

HONNEFELDER, L. “Le problème de d’une “philosophie première” et la question de la possibilité de la métaphysique au Moyen Âge”. In: *La métaphysique comme science transcendente*. Trad. Isabelle Mandrella. Paris: PUF, 2002.

GIRGENTI, G. “La metafísica de Porfirio como mediación entre la «henología» platónica y la «ontología» aristotélica: Base del neoplatonismo cristiano medieval”. In: *Anuário Filosófico*, 2000, 33, 151-162.

KENNY, A. *História concisa da filosofia ocidental*. Trad. Desidério Murcho. Lisboa: Temas e Debates, 1999.

AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento, apresentação de Francisco Benjamin de Souza Neto: Petrópolis: RJ: Vozes, 1995.

GARDEIL, H. D. Introdução. *Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino*. IV – Metafísica. Trad. Paulo Eduardo Arantes. São Paulo: Duas Cidades, 1967.